

MOÇÃO ESPECÍFICA AO IX CONGRESSO DO  
LIVRE

# UM COMPROMISSO DO LIVRE COM AS LUTAS EMANCIPATÓRIAS

COIMBRA, 12 DE JANEIRO DE 2020

**And when we speak** *E quando nós falamos*  
**we are afraid our words will not be heard** *temos medo que as nossas palavras nunca serão ouvidas*  
**nor welcomed** *nem bem-vindas*  
**but when we are silent** *mas quando estamos em silêncio*  
**we are still afraid.** *nós ainda*  
*temos medo. So it is better to*  
**speak** *Então é melhor falar*  
**remembering** *tendo em mente*  
*que*  
**we were never meant to survive.** *não era suposto que sobrevivêssemos.*  
— Audre Lorde (1934-1992)

Como é sabido de todos e todas, no período da campanha das eleições Legislativas 2019, a candi- data cabeça-de-lista do LIVRE por Lisboa, Joacine Katar-Moreira, eleita num processo de primárias abertas, foi alvo de inúmeros ataques racistas e xenófobos. Esses ataques intensificaram-se com a sua eleição, contando com uma petição que tem, à data de hoje, mais de 22 mil assinaturas. O escrutínio, por vezes injusto e tendencioso, da parte da comunicação social, e a divulgação de notícias falsas nas redes sociais, não foram alvo de um **repúdio e condenação sérios** da parte do partido. Um partido que se apresentou a eleições com a primeira mulher negra cabeça-de-lista, que escolheu em primárias, e que diz levantar a bandeira anti-racista, não soube criar um ambiente interno seguro para uma das suas camaradas.

Não se pretendem citar aqui os vários comentários que se foram lendo ou ouvindo de dentro do partido contra a deputada Joacine Katar-Moreira; mas a sua proliferação é merecedora de reflexão, porque estes encontram-se não só em espaços reservados a membros e apoiantes (espaços que devem ser convidativos à participação de todos), mas também no espaço público (onde se misturam comentários negativos de membros e apoiantes com os ataques nojentos de trolls da internet). **Haverá, sempre, críticas justas** a serem feitas a qualquer camarada: ninguém é perfeito, e a crítica construtiva é um ótimo mecanismo para que cada um possa aprender e melhorar. O relatório produzido pela Comissão de Ética e Arbitragem revelou vários momentos em que, em nome do coletivo, se atropelou a subjetividade e individualidade de um de seus membros, e não se usou de empatia para com uma camarada numa situação muito sensível. O mesmo relatório revela, também, que **nenhum desses incidentes**

**aconteceram em má fé** das partes; no entanto, nas relações humanas, por muito que contém as intenções, as reações de cada sujeito devem ser tidas em conta.

Não se pode deixar, seja qual for a situação, uma pessoa, camarada ou não, sentindo-se profundamente só.

Depois de tudo o que aconteceu, o partido vive, hoje, num ambiente que, não sendo o culpado, não tem motivado a boa comunicação entre os seus diversos órgãos. Auscultando alguns eleitores, rapidamente se entende que, para muitos, é o tratamento da parte do partido para com a deputada Joacine Katar-Moreira que eles condenam. Então, não é fácil prever como o público em geral reage à nossa crise: o que é certo é o descontentamento com o LIVRE.

Por isso, urge, talvez, fazer algo: perceber melhor o que é o racismo, através das palavras de pensadorxs negrxs; e que os membros e apoiantes de um partido que foi a eleições com a bandeira do feminismo e anti-racismo mudem de postura e atitude.

Do LIVRE, especialmente através do seu Gabinete Parlamentar (GP), é urgente combater a instrumentalização das lutas emancipatórias, começando por fazer cumprir o mais depressa possível, e com coragem, o ponto 2 do seu programa para as Legislativas 2019, intitulado «Igualdade, Justiça Social e Liberdade», no qual a deputada única representante do partido (DURP) LIVRE, Joacine Katar-Moreira, é figura de referência nacional.

#### **PERCEBER MELHOR O RACISMO**

O racismo é lido, por uma maioria, como manifestações individuais e conscientes contra pessoas racializadas. E, ainda que essas manifestações sejam um aspeto asqueroso do racismo, não são a sua parte mais perversa. Lido assim, entende-se porque quando tantas pessoas bem-intencionadas se chocam quando são acusadas de um ato racista. Mas o racismo institucional e estrutural presente na sociedade em que todos nós crescemos condicionou-nos a que hoje, involuntariamente, também os mais bem intencionados cometam atos de racismo. Deste modo, o racismo, nas palavras de Silvio de Almeida (escritor e advogado negro brasileiro), estruturou-se na vida das instituições e fundamentalmente no processo de construção dos sujeitos, e, não sendo um ato consciente, está inserido no inconsciente.

#### **RACISMO E SILENCIAMENTO**

Uma das formas mais violentas da manifestação do racismo é o silenciamento (ou tentativa) de pessoas negras. E a forma que esse silenciamento acontece é na ausência de pessoas negras nos espaços de partilha de poder: políticos, académicos, midiáticos e culturais. Tal ausência, para Grada Kilomba (artista e escritora portuguesa), simboliza a posição de subalternidade dessas pessoas dentro da estrutura que não permite que essas vozes sejam escutadas, nem proporcionam espaços para que possam se articular.

Entretanto, Grada Kilomba (na sua obra Memórias da plantação — Episódios de racismo quotidiano, p. 53) diz-nos:

«Tal posição de objetificação que comumente ocupamos, esse lugar da ‘Outridade’ não indica, como se acredita, uma falta de resistência ou interesse, mas sim a falta de acesso a representação, sofrida pela comunidade negra. Não é que nós não tenhamos falado, o facto é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós.»

Porque não basta não ser racista, temos que ser anti-racistas. Todos aqueles comprometidos com a luta contra o racismo devem: estar sempre atentos às suas próprias ações e falas, no sentido de corrigirem o seu próprio condicionamento; reconhecer, sempre que preciso, os seus privilégios da branquitude; ouvir com empatia os testemunhos de pessoas negras, exigindo junto com elas por justiça; alertar para os nossos amigos e familiares, com calma e paciência, para os erros que eles possam cometer. Acima de tudo, saber escutar; Kilomba (pp. 122-123) remata:

«“Não escutar” é uma estratégia que protege o sujeito branco de reconhecer o mundo subjetivo das pessoas negras (...). Historicamente, isso tem sido usado como marca de opressão, pois significa negar a subjetividade de pessoas negras, bem como seus relatos pessoais de racismo.»

Temos que ser capazes de reconhecer os nossos privilégios: ter privilégio não significa ter uma vida fácil, significa, sim, que não foi dificultada por uma característica nossa.

Então, em virtude do que foi exposto, propõe-se agora **algumas soluções**:

- 1. Para combater a instrumentalização das lutas, concretizando as promessas que foram feitas durante a campanha:* Incentivar o GP e a DURP Joacine Katar-Moreira, através de apoio logístico e político, a apresentar na Assembleia da República, com a maior brevidade possível, as propostas concretas de Igualdade, Justiça Social e Liberdade (ponto 2 do programa do LIVRE para as Legislativas 2019) que a DURP considerar mais viáveis.
- 2. Para ajudar no processo da cura de feridas, e para acabar com a crise interna:* Assegurar a autonomia da DURP, ao mesmo tempo que se estabelecem canais de contacto saudável entre o GP, o Grupo de Contacto, a Assembleia, e todos os membros e apoiantes do LIVRE, onde podem ser colocadas dúvidas e críticas construtivas.
- 3. Para a boa reputação do LIVRE:* Defender publicamente a DURP, e o seu Gabinete Parlamentar, de ataques infundados e de notícias falsas, mantendo uma frente unida contra a extrema-direita.

#### **PROPONENTE**

João Faria-Ferreira

#### **SUBSCRITORES**